



Natal na Faixa de Gaza

NESTE NATAL, JESUS NASCE EM GAZA.

Não na manjedoura exposta num curral, mas entre escombros do que resta das casas dos seus moradores

Não nasce cercado de animais, e sim de bombas detonadas, balas de canhão *Tavor Ctar* atiradas contra a população civil (950 tiros por minuto), granadas e gases letais. E os voos assassinos dos caças F-35.

Jesus nasce e ignora que seus pais, que pretendiam se refugiar no Egito, foram atingidos mortalmente por uma chuva de bombas “*bunker buster*” lançadas pelas tropas israelitas.

Agora não é o rei Herodes que passa centenas de crianças ao fio da espada. É o **governo sionista de Netanyahu**, na ânsia de vingança e de exterminar aqueles que são considerados “**animais humanos**”, segundo declaração do ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant.

Jesus e seus pais não encontraram acolhimento em Belém. Tiveram que se abrigar num curral. Do mesmo modo, famílias palestinas foram sumariamente expulsas dos seus lares para dar lugar aos colonos sionistas que não reconhecem o direito da nação Palestina instituir o seu legítimo Estado. Escorraçadas, esses milhares de famílias foram confinadas nos estreitos limites de GAZA e da CISJORDÂNIA, controladas por tropas israelitas como se fossem sub-humanas, sobrevivendo em condições análogas a campos de concentração a céu aberto.

Jesus nasce hoje sem que magos venham presentear-lhe com ouro, incenso e mirra. O que ele ganha agora são 12 mil toneladas de bombas desde 7 de outubro (33 toneladas de explosivos por quilometro quadrado), equivalente à potência de uma bomba atômica.

Não há coro de anjos nem cânticos de glória a Deus, e sim o grito estridente de sirenes de alarme e o silvo aterrador de projéteis disparados pelos canhões mortíferos dos tanques *Merkava*.

Jesus nasceu sob o selo da discriminação: por ser palestino, por ser filho bastardo de um casal nazareno (tanto que José quis abandonar Maria ao sabê-la grávida), por ser um sem-teto, por sua família ter ocupado a terra de uma quinta em Belém, por ser considerado blasfemo e usurpador do título de Filho de Deus.

Jesus, mais uma vez, é derrotado na sua própria terra. Se seus conterrâneos são impedidos de formar seu Estado, qualquer ação de autodefesa que desencadeiem será qualificada de “terrorista”. Epíteto que jamais a grande imprensa utilizou quando MENACHEM BEGIN, em 22 de julho de 1946, explodiu, em Jerusalém, o Hotel King David e matou

91 pessoas. Nem quando mais de 200 mil pessoas, todas inocentes, foram cruelmente assassinadas no maior atentado terrorista de todos os tempos – as bombas atômicas atiradas pelo governo dos EUA sobre as populações civis de HIROSHIMA e NAGASAKI.

Sim, o HAMAS rompeu a linha da “guerra justa” ao sequestrar mais de 200 pessoas, a maioria civis. Mas quem reage às “detenções administrativas” feitas pelo governo de Israel e que mantém nas prisões cerca de 5 mil pessoas sem acusações formais?

Jesus nasce em Gaza e, agora, já não podem matá-lo, pois haverá de ressuscitar em cada criança, em cada jovem, em cada cidadão palestino consciente de que a terra das vinhas e das oliveiras guarda no seu solo as cinzas dos seus mais longínquos ancestrais.

Frei Betto

(4 de dezembro de 2023).

DO GUETO DE VARSÓVIA AO GUETO DE GAZA

Entre o GUETO DE VARSÓVIA e o GUETO DE GAZA a diferença é só de escala. No primeiro houve "apenas" 380 mil judeus submetidos ao cerco dos nazis alemães, no segundo há 2,2 milhões de palestinos submetidos ao cerco nazi-sionista. Em ambos os casos trata-se de terrorismo de Estado e de políticas genocidas sistemáticas e premeditadas. Os últimos crimes do governo israelita são o corte de água, comida e eletricidade aos habitantes da FAIXA DE GAZA, seguido do bombardeamento indiscriminado da população civil por meios aéreos (a tropa sionista é demasiado covarde para por ali botas no terreno). Mas punição coletiva de um povo é um crime de guerra previsto na CONVENÇÃO DE GENEBRA. Mais uma vez, também nisto o Estado nazi-sionista segue o exemplo do

seu antecessor alemão. A ação *terrorista* do Hamas é uma resposta ao terrorismo do Estado israelita, ao longo de décadas. Mas não se pode por um sinal de igual entre o terrorismo dos oprimidos e o terrorismo dos opressores. O roubo de terras – com a expansão contínua dos colonatos judeus – e o despojamento dos recursos do povo palestino perduram desde 1948 até hoje. Problemas não resolvidos tendem a apodrecer e este já gangrenou. **O povo palestino está sozinho. Com o fracasso da ONU e da chamada "comunidade internacional" este povo não tem a quem recorrer. Só pode lutar por si mesmo. «Deve por isso ser apoiado por todas as pessoas decentes do mundo.** Atirar pedras no Hamas e mostrar-se equidistante é um ato de covardia política e moral.